OS ESPORTES NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: UMA ANÁLISE DA PRÁTICA DO SPORTSWASHING

Romulo Gonçalves Filomena[1]

RESUMO

O artigo discute as formas que os esportes podem afetar o sistema internacional e as relações mantidas entre os países do mundo, com uma ênfase na prática do sportswashing. Também discute como o esporte em geral, com maior foco no futebol, pode ser utilizado para criar a identidade coletiva de um país, exercer soft power sobre outras nações e como instrumento para alcançar objetivos políticos. Por fim, é feita uma análise sobre o sportswashing, forma que, recentemente, tem ganho destaque pela sua utilização pelos Estados do Oriente Médio. A análise é feita sobre o funcionamento e histórico da prática, assim como as consequências e resultados obtidos pelo uso dela.

Palavras-chave: Esporte, diplomacia esportiva, sportswashing.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho visa discutir e analisar as formas em que os esportes têm sido utilizados por Estados como uma ferramenta de soft power através da prática do sportswashing, assim como analisar diversos casos específicos em que acontecimentos ligados ao mundo dos esportes causou alguma movimentação ou possibilidade de mudança entre o relacionamento entre Estados.

O principal foco do trabalho é no sportswashing, forma em que o meio esportivo vem sendo utilizado por Estados, em especial aqueles localizados no Oriente Médio, para realizar mudanças na sua posição no sistema internacional, explorando a sua definição e exemplos históricos. Em sequência, é analisado os resultados e as consequências que o sportswashing, em outras palavras, o impacto que ele tem no sistema internacional.

O esporte é um dos fenômenos mais internacionais que existem. Isto pode ser comprovado por alguns números, principalmente os de audiência dos principais eventos esportivos, que chegou à 1,5 bilhões de pessoas assistindo a final da Copa do Mundo de 2022 e um total de 3 bilhões de espectadores nas Olimpiadas de Tóquio de 2020, mas também pelo fato de alguns órgãos internacionais reguladores de esportes possuem um número de países membros maiores que a ONU, utilizando a FIFA, reguladora do futebol, por exemplo, é

[1] Estudante do 8º semestre de Graduação em Relações Internacionais do Centro Universitário Ritter dos Reis, como exigência de conclusão de curso e sob orientação do Prof. Doutor Erik Herejk Ribeiro. Artigo submetido à Banca Examinadora em 16/06/2023.

possível observar que ela atualmente possui 211 federações de futebol associadas, enquanto a ONU contém 193 membros.

Seguindo com a comparação entre FIFA e ONU, pode-se dizer que o primeiro tem um alcance internacional maior que o segundo, não só considerando o número bruto de membros, mas também pelo fato de que a FIFA consegue ter entre seus membros combinações de nações como China e Taiwan, Israel e Palestina e Sérvia e Kosovo, países que não admitem o reconhecimento do outro, algo que a ONU e diversos outras organizações internacionais não conseguem.

Como a maioria das coisas da vida, o mundo dos esportes é afetado pelos acontecimentos do mundo político e das relações internacionais, porém o inverso disso, os esportes afetando as relações entre países, é mais raro de ser observado. Pois, a primeira vista, esses dois mundos não possuem muito em comum, além da participação de países de todo o mundo, um deles envolve jogos que requerem esforço físico para obter resultados melhores, competindo contra outras pessoas ou si próprio e o outro é a forma que os Estados se relacionam entre si, algo de importância muito maior do que uma simples competição esportiva. O que deixa a impressão que, enquanto as relações internacionais podem ter um efeito nos esporte, da mesma que causa efeitos sobre várias partes da sociedade, mas não seria possível que as relações mantidas entre duas nações pudessem passar por mudança devido a algo como esporte.

Apesar disso, desde os primórdios da competição esportiva, na Grécia Antiga, o mundo dos esportes causa efeitos nas relações entre os Estados ou cidade-Estados da época, com a existência de uma trégua geral de todos os conflitos durante as Olimpíadas (MURRAY, 2018). Apesar desse teor universal que o mundo esportivo possui, os efeitos que ele pode causar no mundo das relações internacionais não são tão analisados como poderiam.

O trabalho é estruturado em 3 partes, a primeira delas busca demonstrar as diversas formas que o meio esportivo já foi utilizado como instrumento para mudanças nas relações entre países. A segunda seção define o que é a prática de sportswashing e relata alguns exemplos da prática sendo utilizada ao longo da história recente, assim como mostrar as formas atuais que Estados estão utilizando essa tática para seu benefício. Já a terceira parte busca explorar as consequências que a adoção do sportswashing tem para os países que o utilizam, assim como as demais nações do sistema internacional. Para a realização da análise deste trabalho, a metodologia utilizada foi a de análise de livros e artigos já publicados, visando explorar o que já foi publicado sobre o assunto, para assim criarmos nossa própria análise.

2. DIPLOMACIA ESPORTIVA

A prática de esportes é algo presente na humanidade desde a Grécia Antiga, com as disputas dos primeiros Jogos Olímpicos, porém, a maioria dos esportes que são praticados nos dias atuais foram criados ou regularizados na metade final do século XIX, com o evento que marca o início da era moderna dos esportes sendo a primeira edição dos Jogos Olímpicos modernos, realizado em 1896 em Atenas. Apesar disso, a relação entre os esportes e as relações mantidas entre Estados não passou por nenhuma análise por tempo considerável, com os analista do campo esportivo focando suas análises nas contribuições culturais e físicas que o esporte traz para a sociedade, enquanto os analistas de Relações Internacionais, especialmente os teóricos realistas,consideram que os esportes, mesmo em suas manifestações internacionais, não fazem parte de alta política, portanto praticamente nenhum foco foi posto na análise desse assunto.

Apesar dos dois assuntos, em uma primeira observação, serem entidades que ocupam lugares muito distantes na sociedade moderna, Murray (2018. p.62) observa alguns fatores que o mundo dos esportes e da diplomacia possuem similaridades:

> Diplomatas e esportistas são representantes físicos de seus Estados no sistema de relação internacional. Ambos representam um estrato de elite da sociedade, e podemos dizer que esportistas internacionais e diplomatas são indivíduos patrióticos. Servir ao Estado é considerado uma grande honra e, portanto, ambos desejam vencer pelo seu país. Ademais, assim como os esportistas competem com oponentes em estádios dramáticos ao redor do mundo, diplomatas também competem em grandes disputas que envolvem regras, jogadas secretas, táticas, espectadores, oponentes e grandes fóruns em locais distantes e exóticos..[2]

As definições aceitas para o conceito de diplomacia já evoluíram para além do sentido mais tradicional do termo, que pode ser definido de uma forma simples como o diálogo entre Estados. Este diálogo, no seu significado mais tradicional, ocorre entre líderes ou diplomatas encarregados de representar os interesses de seus Estados, em locais onde o público geral não participa ou observa as negociações, tomando ciência da situação após o fim das conversas. Evidentemente, a diplomacia é algo muito amplo para ser limitada apenas para a mais tradicional das definições, com o passar das décadas, novos atores, como organizações não-governamentais e entidades sub-estatais, se tornaram capazes de participar ativamente do sistema internacional e, portanto, também realizar ações diplomáticas, da mesma forma, os locais e a forma que os Estados exercem suas ações diplomáticas também se expandiram.

[2] "Diplomats and sportspeople are physical representatives of their state in the international relation system. Both epitomise an elite stratum of society, and it would be fair to say that international sportspeople and diplomats are patriotic individuals. To serve the state is considered a great honour and, as such, both want to win for their country. Moreover, just as sportspeople compete with opponents in dramatic stadiums around the world, diplomats also compete in great contests involving rules, secret plays, tactics, spectators, opponents and large forums in exotic, far flung locales." Murray (2019. p.62, tradução nossa)

A diplomacia cultural é uma das principais formas “alternativas” de realizar diplomacia, ela é definida por Cummings (2003) como “a troca de ideias, informação, arte e outros aspectos culturais entre nações e seus povos como forma de nutrir entendimento mútuo entre eles”. Portanto, nos dias atuais, elementos como arte, música, culinária e elementos culturais em geral são utilizados em conjunto com as formas mais tradicionais de diplomacia para alcançar os objetivos traçados pelas políticas externas dos Estados. O esporte faz parte desses elementos da diplomacia cultural, possuindo um espaço especial por ser uma das atividades mais globais que existem. Na sua forma mais simples, a mera existência da competição esportiva entre países já serve como uma maneira de comparar duas nações ou de um Estado demonstrar superioridade sobre outros, seja simplesmente uma superioridade atlética ou por algo mais profundo, como a superioridade ideológica ou até mesmo, em casos extremos, racial, porém os esporte também são utilizados de outras formas, com algumas que serão descritas a seguir, na diplomacia.

Um dos grandes fatores que potencializa a utilização dos esporte como meios diplomáticas é o amplo alcance que os grandes eventos esportivos possuem, pois essas competições são assistidas por pessoas do mundo inteiro. Logo, os Estados podem utilizar um bom desempenho de seus atletas e equipes como ferramenta para espalhar uma mensagem. Diversos países ao longo da história utilizaram meios esportivos para transmitir a superioridade de um regime ou modo de vida, como a Itália nas Copas do Mundo de 1934 e 1938, com as vitórias italianas nas duas competições sendo utilizadas como ferramenta de promoção do regime fascista de Mussolini e o tour realizado pelo time de futebol soviético Dínamo Moscou pelo Reino Unido em 1945, logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, que visava demonstrar a superioridade do estilo de vida soviético (BORRERO, 2017, p. 101)
.

2.1 CO-SEDIAÇÃO DE EVENTOS

Uma das maneiras em que é possível observar a utilização dos esportes na diplomacia melhorando, na maioria dos casos, a relação entre Estados ocorre quando mais de um país é sede de um mesmo evento esportivo. Considerando que as competições esportivas são transmitidas internacionalmente, é comum os países-sedes utilizarem os eventos como uma forma de promoção da própria nação, seja com o intuito de atrair turistas, investimentos estrangeiros ou até mesmo o avanço da popularidade do esporte dentro do país. Um evento em que esse fenômeno ocorreu foi a Copa do Mundo de 2002, sediada pela Coreia do Sul e pelo Japão.

No ano de 1996, a FIFA iria escolher a nação que sediaria a Copa do Mundo de 2002, como a organização segue uma política de alternar o continente em que a competição ocorre desde 1958 e a França já seria a sede em 1998, nenhum país europeu foi candidato a sede. Coreia do Sul, Japão e México disputavam a oportunidade de se tornar a sede, porém, a candidatura mexicana foi praticamente descartada, visto que o México já havia sido sede recentemente, em 1986, portanto, a FIFA buscava decidir entre os dois países asiáticos. Porém, a indecisão entre os chefes da FIFA sobre qual país escolher fez com que a Federação aceitasse a sugestão feita pelas confederações europeias e asiáticas de futebol, que era que ambos países co-sediassem a competição. Inicialmente, nem os japoneses nem os coreanos ficaram satisfeitos com a decisão, mas logo aceitaram co-sediar a competição, quando ficou claro que seria a única forma de qualquer um dos países ser a sede.

Anteriormente à decisão da FIFA, a relação entre Japão e Coreia do Sul era distante, apesar da proximidade geográfica e cultural entre as nações. O principal motivo dessa distância é a história compartilhada entre os dois países. Em 1910, o Japão anexou a Coreia e a controlou até a sua derrota na Segunda Guerra Mundial, durante esse período, o governo japonês proibiu o ensino da história e linguagem coreana e, especialmente durante o período da guerra, forçou homens coreanos a trabalhar e até mesmo se alistar para o exército japonês e utilizou mulheres coreanas como escravas sexuais para os soldados. Apesar de alguns esforços, o Japão, segundo parte considerável da população da Coreia, nunca fez o suficiente para reconhecer e compensar o povo coreano pelas atrocidades cometidas contra ele.

Como os países tiveram que trabalhar em conjunto para a realização do campeonato, essa situação também resultou em uma melhora nas relações bilaterais entre a Coreia do Sul e o Japão, pois um evento na escala da Copa do Mundo não pode ser sediado em dois Estados diferentes sem uma relação positiva entre esses Estados. Essa melhora também foi percebida nos cidadãos, com uma pesquisa mostrando que 80% dos entrevistados, tanto japoneses quanto coreanos, acreditavam que a relação entre os país mudou para melhor. O motivo que explica a alta porcentagem da população que percebeu a melhora é que ocorreram diversos intercâmbios culturais, ou seja, não se limitava apenas a questões logísticas. O número desses intercâmbios também aumentou de cerca de 54 em 2001 para mais de 100 em 2002, abrangendo tópicos como esporte, músicas, filmes, religião, educação, entre outros (SAKAEDANI, 2005).

Um modo que é possível observar a melhora na relação pode ser vista durante o torneio, após a eliminação do Japão nas oitavas de final da competição, os torcedores japoneses passaram a apoiar a seleção coreana, que seguia na competição. A partida da

semifinal entre Coréia do Sul e Alemanha, a primeira vez que uma seleção asiática alcançou essa fase da competição, foi vista por quase 50% das televisões no Japão, segundo Sakaedani (2005). Além disso, Chung Mong-Joon, diretor do Comitê Organizador Coreano também afirmou que a Copa do Mundo auxiliou na reaproximação entre Japão e Coreia do Sul. Por fim, o sucesso dos dois países em sediar o evento, apesar das dificuldades e desentendimentos entre os dois, que foram desde o slogan do evento, a aparência dos mascotes até o local em que as partidas mais importantes do torneio, a de abertura; semifinais e a grande final, seriam realizadas, demonstra que Japão e Coreia do Sul conseguem realizar grandes feitos cooperando um com o outro.

2.2 VISITA PRESIDENCIAL

Outra forma em que o esporte é utilizado em conjunto com a diplomacia, desta vez de uma forma mais tradicional, é a utilização de partidas ou eventos esportivos como pretexto para uma visita presidencial. Com a realização de uma partida entre duas nações, é criado, seja de forma intencional ou não, um "motivo" para que as lideranças dos países envolvidos estejam no mesmo lugar ao mesmo tempo e se encontrarem, sem nenhuma pretensão oficial de discutir a relação entre os Estados, mas apenas para assistir ao jogo. O motivo pelo qual os líderes se encontram, neste caso apenas a partida, não os obriga a alcançar qualquer decisão ou avanço, algo que seria esperado em uma visita mais tradicional, mas também apresenta um espaço para a discussão de qualquer assunto entre os líderes. Um caso que o esporte foi utilizado como ponto de partida para as discussões entre dois países aconteceu na segunda metade da década de 2000, entre os presidentes de Armênia e Turquia.

Nas eliminatórias da Europa para a Copa do Mundo de 2010, Armênia e Turquia foram sorteadas no mesmo grupo, o que significou duas partidas entre os países. A relação entre os Estados turco e armênio era praticamente inexistente, sem nenhuma relação diplomática entre eles e a fronteira que ambos dividem fechada desde 1993. A relação hostil entre as nações é explicada, principalmente por dois motivos, o primeiro é o assassinato em massa de armênios na Turquia durante e logo após a Primeira Guerra Mundial, onde é estimado que um milhão e meio de armênios foram mortos pelo então Império Otamano, a Armênia considera isso um genocídio enquanto a Turquia nega a existência dos assassinatos. O segundo é o apoio da Armênia a Artsakh, Estado não-reconhecido localizado na região de Nagorno-Karabakh, pertencente de forma oficial ao Azerbaijão, que é um grande aliado da Turquia.

A primeira partida entre os países seria disputa na Armênia e o presidente Serzh Sargsyan, apesar das circunstâncias citadas, convidou o presidente turco Abdullah Gül para

assistir a partida junto com ele, além de emitir vistos especiais para que 5 mil turcos também pudessem ir assistir a partida (EDEN, 2013). O convite, seguido da visita, de acordo com Aras e Ozbay (2008), foi visto como uma oportunidade para negociar a abertura das fronteiras e a retomada de relações diplomáticas entre os países, algo que já havia sido tentado sem sucesso outras vezes.

Após a partida, Turquia e Armênia, com intermediação dos Estados Unidos, conseguiram concordar em plano, que viria a se tornar dois protocolos diferentes assinados por ambos os países em 2009. Porém, apesar de não estarem relacionadas aos protocolos, as questões sobre o genocídio e o conflito de Nagorno-Karabakh se tornaram obstáculos no avanço da abertura das fronteiras, que não progrediu pois nenhum país ratificou os protocolos. Devido à estagnação nas negociações, o presidente armênio não compareceu na partida entre as duas nações que ocorreu na Turquia.

Nos anos seguintes, que incluiu uma mudança de governo na Turquia, a relação entre Armênia e Turquia voltou a se distanciar, forma em que se encontra até hoje, apesar disso, esse caso demonstra a capacidade do esporte de causar mudanças nas relações entre países.

2.3 MOVIMENTOS DE INDEPENDÊNCIA

O esporte pode ser utilizado como meio diplomático não só para os países já estabelecidos no sistema internacional, mas também países que estão buscando a sua independência. Considerando que os grandes eventos esportivos possuem um alcance e audiência internacional, eles podem ser utilizados como uma plataforma para expor a luta de um território por sua independência política, especialmente levando em conta que os órgãos organizadores de eventos esportivos muitas vezes permitem entidades que não são países independentes reconhecidos pela ONU participar de seus eventos. Utilizando um exemplo que não envolve a busca por independência, a World Surf League, uma das principais entidades que gerem o surfe competitivo, considera o Havaí como uma entidade separada dos Estados Unidos devido às conexões culturais e históricas do esporte com esse território, com os surfistas havaianos representando o estado do Havaí, não os Estados Unidos, nas competições da WSL, apesar de um ser parte do outro e que, durante as Olimpíadas de 2020, os surfistas havaianos representam os Estados Unidos.

Outro exemplo dessa prática, dessa vez com questões de independência envolvidas, é a participação de Taiwan em competições esportivas. Devido ao conflitos entre Taiwan e China, diversos eventos, incluindo Olimpíadas, ocorreram com a presença de duas Chinas, a República Popular da China e a República da China, que também competiu sob o nome de Formosa e Taiwan como forma de diferenciar os dois países. Porém devido a política da

China Única da República Popular, a maioria dos órgãos esportivos passaram a reconhecer a República Popular da China como “China” e também propuseram outros nomes que a República da China poderia utilizar, todos recusados. Essa disputa sobre qual território competiria utilizando o nome “China” levou a ambos lados deixarem de participar de competições, com a China deixando de participar dos Jogos Olímpicos entre 1956 e 1976 e Taiwan não participando das edições de 1952 e 1980.

A primeira edição das Olimpíadas que contaria com a participação dos dois territórios que se denominam como China foi a de 1984. Após diversas negociações e controvérsias, o governo de Taiwan chegou a um acordo com o Comitê Olímpico Internacional e aceitou a utilização do nome Taipé Chinesa para representar seus atletas, sem nenhuma objeção do governo da China Popular, visto que o nome respeitava a política de China Única (YANG, 2021). Após a realização das Olimpíadas, diversos outros órgãos, tanto esportivos quanto de outras áreas, que buscavam a participação de ambos territórios passaram a utilizar Taipé Chinesa como nome para os representantes de Taiwan.

O motivo que explica a mudança de posição do governo taiwanês sobre a utilização de outros para seus representantes parte da conclusão que não participar desses eventos apenas isolaria Taiwan ainda mais do resto da comunidade internacional, um dos principais objetivos do governo chinês com a política da China Única (HANDLEY, 2021). Somado a isso, a mudança de nome permitiria os atletas de Taiwan representarem o país internacionalmente, podendo expressar e promover seus sentimentos de independência e até mesmo competir diretamente contra a China.

Outra entidade que também tem o seu movimento pela independência é o País Basco, território autônomo localizado no norte da Espanha e parte do sul francês. Um dos principais focos deste movimento é a promoção e sobrevivência da cultura basca que, assim como outras comunidades autônomas na Espanha, foram extremamente reprimidas durante a ditadura de Franco. O principal exemplo de representação basca em nível internacional que pode ser observado hoje é Athletic Club de Bilbao, clube de futebol que é um dos principais símbolos da luta pela independência do País Basco devido à política do clube de apenas permitir que jogadores bascos, ou com ascendência basca, joguem pelo clube. O clube foi fundado em 1898 e é estimado que apenas 54 jogadores nascidos fora do País Basco já tenham jogado pelo Athletic, com a grande maioria desses possuindo ascendência. A política foi adotada pelo clube como resposta direta à opressão sofrida pelo time durante a ditadura de Franco, que forçou a mudança de nome do time devido à origem britânica dele. Apesar dessa limitação auto-imposta pelo clube, o Athletic ainda consegue competir no mais alto nível do

futebol espanhol, competindo com clubes de orçamento muito maior e acesso a jogadores de qualquer lugar do mundo, como Real Madrid e Barcelona.

Mesmo se o movimento que é representado no esporte não acabe sendo bem-sucedido, a exposição gerada pela participação em eventos esportivos acaba causando maior conhecimento das lutas que ocorrem em certas regiões. Uma situação dessas ocorreu na disputa de polo aquático das Olimpíadas de 1956, realizadas na Austrália, onde a Hungria enfrentou a União Soviética no dia 6 de dezembro. Anteriormente em 1956, no fim de outubro, um protesto de estudantes húngaros contra as políticas adotadas pelo governo da Hungria devido ao alinhamento e subordinação à URSS, que tinha presença militar no país, em uma universidade de Budapeste teve grande apelo entre a população e foi violentamente reprimido pelos governos húngaro e soviético, resultado na morte de pelo menos 2500 pessoas e na fuga de cerca de 200 mil cidadãos húngaros em busca de refúgio em outros países. Os acontecimentos em Budapeste imediatamente afetaram os Jogos Olímpicos de Melbourne, com as delegações da Espanha, Holanda e Suíça boicotando o evento em protesto à participação da União Soviética (MURRAY, 2018).

Quando as seleções de polo aquático da Hungria e União Soviética se enfrentaram na semifinal, os atletas húngaros, que tiveram que ser retirados às pressas da Hungria para não serem afetados pela violência, enfrentaram a partida como uma oportunidade de resgatar algum orgulho nacional entre a população húngara, que ainda estava se recuperando das cenas violentas que ocorreram nos meses que haviam recém passado. Durante a partida, os jogadores das duas equipes trocavam socos e chutes entre si, com público presente na partida, majoritariamente estadunidense, australianos e húngaros, provocando a minoria soviética presente no evento. O principal evento da partida aconteceu no último minuto, quando um jogador soviético atingiu um húngaro com um soco, causando um sangramento que necessitou que o jogador da Hungria fosse retirado da piscina, esse acontecimento foi a gota d'água para partes dos espectadores, que desceram das arquibancadas e tentaram invadir a piscina para atacar a delegação soviética, causando o encerramento da partida, sem a disputa do último minuto da partida.

A Hungria foi declarada a vencedora da partida pois estava vencendo no momento em que a partida foi encerrada e iria vencer a medalha de ouro após vencer a Iugoslávia na final, com diversos atletas de delegação da Hungria não retornando para seu país de origem, buscando refúgio na Austrália, enquanto a URSS recebeu a medalha de bronze. Apesar de os protestos em Budapeste não resultarem em mudanças políticas na Hungria, que permaneceu alinhada aos interesses soviéticos até a década de 80, as cenas vistas na partida entre Hungria

e URSS causaram, segundo Murray (2018), simpatia internacional a causa húngara, especialmente nas regiões com sentimentos anti-soviéticos.

2.4 BOICOTES E BANIMENTOS

O esporte, novamente devido ao seu apelo internacional, também é frequentemente utilizado por Estados, tanto de forma uni e multilateral, como uma forma de protesto ou punição às ações de outros. Essa forma de ação diplomática, de simplesmente optar por não participar ou não permitir que certo Estado seja representado na competição, é uma das maneiras mais simples e antigas em que os esportes e as relações diplomáticas se relacionam. Existem relatos que vem desde a Grécia Antiga, onde a cidade-Estado de Esparta foi banida de participar do Jogos Olímpicos de 420 A.C por violar um tratado de paz (MURRAY, 2018).

Em tempos mais modernos, o banimento de Estados das grandes competições esportivas internacionais normalmente ocorre em resposta a conflitos armados, seja como forma de punição aos derrotados ou como outro elemento que busca dar um fim à uma guerra ainda em andamento. Após a Primeira Guerra Mundial, os países que foram considerados "culpados" pelo conflito, ou seja, os derrotados: Alemanha, Hungria, Áustria, Bulgária e o Império Otomano foram impedidos de competir nas Olimpíadas de 1920. Da mesma forma, Alemanha e Japão não puderam participar dos Jogos de 1948 e da Copa do Mundo de 1950 como punição pelos atos cometidos na Segunda Guerra Mundial.

A maior e mais longa campanha de punição esportiva à um país ocorreu na África do Sul durante o regime do Apartheid. A exclusão dos sul-africanos dos esportes começou durante a década de 1950, em virtude de impossibilidade de diversos países viajaram até a África do Sul para competir devido a presença de jogadores de diversas etnias nas equipes, algo que não era permitido pelas leis do Apartheid. Como resposta, diversos órgãos reguladores de esportivos resolveram, de forma unilateral, excluir a África do Sul de suas competições, com a Federação Internacional de Tênis de Mesa sendo uma das primeiras a realizar essa ação em 1956.

Em 1962, a ONU condenaou o regime Apartheid de forma oficial, com a resolução 1761 da Assembleia Geral, que pedia aos países o fim das relações diplomáticas e econômicas com a África do Sul, pois o país apresentava risco a paz internacional com sua políticas raciais. Após essa resolução, a maioria das federações esportivas passaram a evitar qualquer tipo de contato com times e atletas sul-africanos, com as delegações do país sendo banidos do COI e, por consequência, dos Jogos Olímpicos, assim como expulsos da FIFA. Após a primeira onda de sanções esportivas impostas sobre o país, o governo sul-africano tentou realizar mudanças em suas políticas para tentar reintegrar o país no cenário esportivo,

como permitir que equipes estrangeiras jogassem com jogadores de múltiplas etnias em território sul-africano, porém a comunidade internacional manteve o banimento (NIXON, 1992).

A exclusão da África do Sul de praticamente todas as competições internacionais foi efetiva pois o esporte era uma das principais maneiras em que o regime do Apartheid visava demonstrar, de forma prática, a suposta superioridade dos brancos sobre os negros. A África do Sul começou a se reinserir no mundo esportivo na década de 1990, especialmente após Nelson Mandela ser libertado da prisão e o primeiro-ministro Frederik de Klerk realizou reformas que levariam até as eleições de 1994, a primeira onde candidatos de todas etnias puderam participar. De forma mais simbólica, a vitória da seleção sul-africana de rugby na Copa do Mundo de 1995, sediada na própria África do Sul, marca o fim das sanções esportivas e o retorno do país ao cenário internacional.

O mais recente caso de punições esportivas a um Estado por ações políticas ocorreu após a invasão da Ucrânia pela Rússia. Alguns dias após o início da invasão, o Comitê Olímpico Internacional, segundo Nestler (2022), recomendou a todos os países membros que não convidem ou permitem a participação de atletas russo e bielorrussos em competições internacionais, ainda pedindo que em situações em que a participação desses atletas é inevitável, eles não participam utilizando a bandeira de seu país, mas sim uma bandeira neutra.

A maioria das federações esportivas acatou a decisão do COI, banindo a Rússia e Bielorússia de suas competições, incluindo a de maior alcance, a FIFA, que excluiu os dois países das fases qualificatórias para a Copa do Mundo masculina de 2022, assim como a feminina em 2023. Da mesma forma a UEFA, a confederação europeia de futebol, que tem tanto Rússia quanto Bielorússia como membros, baniu os clubes de ambas nações, em junção com as seleções, das competições geridas pela entidade, além de trocar o local em que a final da Liga dos Campeões da UEFA, previamente marcado para São Petersburgo, para Paris (NESTLER, 2022).

Apesar dessa mobilização, em alguns esportes os atletas russos ainda tem sua participação permitida, mesmo que sem representar o seu país. Este é o caso da maioria dos esportes que são disputados de forma individual, com tênis e ciclismo, com as entidades que gerem esses esportes decidindo que não seria justo penalizar os atletas por algo que eles, individualmente, não possuem nenhum controle. Houve apenas um evento em que atletas russos não puderam participar devido à invasão.

O torneio Wimbledon é um dos mais tradicionais do tênis, sendo disputado anualmente em Londres. Inicialmente se esperava que jogadores da Rússia, que possuía 3 jogadores no top 20 masculino, e Bielorússia, com 2 atletas no top 20 feminino, pudessem jogar a edição de 2022 do torneio sem nenhuma representação de suas nações, porém, o próprio governo do Reino Unido pressionou os organizadores do torneio, que não é gerido pela ATP e WTA, órgãos reguladores do tênis internacional, mas sim pelo All England Lawn Tennis and Croquet Club, organização inglesa. Apesar de protestos de ATP, WTA e de diversos atletas, tanto os que foram afetados quanto terceiros, tenistas russos e bielorrussos não puderam participar do torneio em sua edição de 2022, devido a um decreto dos organizadores do campeonato, que curiosamente teve como campeã no feminino a jogadora Elena Rybakina, que representa o Cazaquistão, mas era nascida na Rússia e já havia representado o país em outras competições. Já para a edição de 2023, os atletas poderão participar sob uma bandeira neutra, desde que não recebam nenhum investimento direto dos governos de seus países.

2.5 OUTRAS FORMAS

Os esportes podem ser utilizados de forma diplomática mesmo sem a coordenação de um governo, sendo realizada por partes da sociedade civil ou até mesmo os próprios atletas. Um bom exemplo onde a diplomacia do futebol poderia ser utilizada para causar mudanças na relações entre Estados sem a presença de nenhum dos governos dos países envolvidos ocorreu durante a Copa do Mundo de 1998, onde Estados Unidos e Irã iriam se enfrentar na fase de grupos. A relação entre os dois países é hostil desde a Revolução Iraniana em 1979 e o ataque à embaixada dos Estados Unidos em Teerã no mesmo ano, junto com a subsequente crise dos reféns estadunidenses, com nenhum dos países possuindo uma embaixada no outro, necessitando do intermédio de outras nações para manter relações diplomáticas entre si.

Antes da partida, o aiatolá Khamenei ordenou que o time iraniano não se deslocasse em direção aos americanos para os apertos de mãos entre os jogadores, o que contrariou o protocolo da FIFA, visto que os Estados Unidos haviam sido sorteados como o ‘mandante’ da partida, para evitar maiores problemas os representantes da seleção dos Estados Unidos aceitaram a mudança no protocolo (BILLINGHAM, 2022). Ainda antes da partida, os jogadores iranianos entregaram rosas brancas, um símbolo de paz, para os jogadores americanos, além disso, além da tradicional foto tirada de cada equipe antes do jogo, também foi tirada uma foto das duas seleções juntas, com os jogadores abraçados, demonstrando união.

Sobre essa partida, o jogador americano Jeff Agoos, reserva naquele dia, disse que as seleções fizeram mais pela normalização da relação entre EUA e Irã nos 90 minutos da partida do que os políticos nos 20 anos desde a Revolução (O'CALLAGHAN, 2020). Dois anos após a partida na Copa do Mundo, os dois países também jogaram uma partida amistosa em território estadunidense, numa outra tentativa de aproximar os países. Apesar das tentativas feitas por ambas as seleções, a relação entre Irã e os Estados Unidos continua precária, sem nenhuma relação diplomática direta entre as nações e com aumentos na tensão entre os Estados sendo uma ocorrência frequente.

Como os esportes sempre estão integrados na sociedade, é extremamente comum que problemas e conflitos existentes em uma sociedade sejam refletidos no esportes e seus clubes. Um dos principais exemplos de questões societais sendo refletidas no mundo do futebol é a rivalidade entre os clubes Celtic e Rangers, ambos de Glasgow, na Escócia. A rivalidade entre os dois times, conhecida como ‘Old Firm’, se estende muito mais do que apenas o contexto esportivo e de localização da cada clube, envolvendo questões como: religião, com o Celtic representando os católicos da região, enquanto o Rangers representa os protestantes (MCNAB, 2017), não aceitando jogadores católicos no clube até a década de 1990; identidade nacional e posicionamento em relação aos conflitos ocorridos na Irlanda do Norte, com o Celtic e seus torcedores se identificando como irlandeses-escoces e, portanto, apoiam uma única Irlanda, independente do Reino Unido, já o Rangers e sua torcida se identificam como britânicos, apoiando a existência da Irlanda do Norte como parte do Reino Unido.

Por esses motivos, apesar de ambos os clubes serem da Escócia, é comum ver as bandeiras da Irlanda e do Reino Unido nas partidas do Celtic e do Rangers, respectivamente; de modo geral, pode-se dizer que o Rangers é mais alinhado com a direita política, enquanto o Celtic, com a esquerda. Em função das grandes diferenças entre as crenças dos clubes e de seus apoiadores, as partidas entre os dois times são frequentemente marcadas por tumultos e atos violentos, não apenas entre torcedores, mas também entre jogadores.

Além disso, também é possível utilizar o cenário esportivo, assim como a visibilidade que resulta dele, como forma de chamar a atenção para problemas que alguns países enfrentam. Esse é o caso das Ilhas Marshall, um pequeno país composto por ilhas na Oceania, possuindo um pouco do que 40 mil habitantes, a nação é a única que fazia parte da ONU, mas não possuía nenhuma equipe de futebol e, consequentemente, não tinha filiação à FIFA, o que é explicado pela forte influência da cultura dos Estados Unidos, tornando outros esporte mais populares nas ilhas, somado à falta de infraestrutura para a prática do futebol nas ilhas. Apesar disso, recentemente, um projeto para a formação de uma equipe de futebol para

disputar partidas oficiais contra outras nações na região se iniciou, visando o desenvolvimento do esporte no local, obviamente, mas também trazer a atenção da comunidade internacional para um problema urgente que ameaça as Ilhas Marshall, o aumento do nível da água dos oceanos. Segundo projeções atuais, até o ano de 2030, aproximadamente 40% do território de Majuro, a capital do país, estará submersa (HAMILTON, 2023). Desta forma, é possível observar uma utilização dos esportes relativamente diferente do que o usual, em que uma nação utiliza a popularidade de um jogo para buscar as mudanças necessárias para garantir a sobrevivência de seu próprio território.

2.6 FORÇA CULTURAL

Um exemplo do uso do futebol para exercer seu poder de influência, assim como tentar alcançar objetivos políticos do governo, foi o amistoso realizado pela seleção brasileira contra o Haiti, em 2004. No quesito esportivo, não faria sentido o atual campeão do mundo jogar contra a seleção haitiana, porém, o grande público presente na partida provava que a população do Haiti idolatrava os jogadores brasileiros, dessa forma colocando o Haiti mais próximo do Brasil, incluindo seus desejos políticos (OLIVEIRA, 2020). Além disso, o amistoso também foi um esforço do governo brasileiro de conseguir o apoio do Haiti para a candidatura do Brasil ao Conselho de Segurança da ONU, motivo pelo qual o presidente Lula viajou ao Haiti junto com a delegação da seleção.

Outro exemplo do poder cultural exercido pelo futebol pode ser observado em Bangladesh. Além do principal esporte do país ser o críquete, a seleção local não consegue obter bons resultados, sendo ranqueada na 187 posição no ranking da FIFA, que tem um total de 210 seleções. Por esse motivo, existem comunidades de fãs de futebol em Bangladesh, que torcem pelo sucesso das seleções argentina ou brasileira que, em época de torneios como a Copa do Mundo e a Copa América, decoram as ruas com bandeiras e símbolos de ambos países, demonstrando a influência que esses países podem exercer sobre essa parte da população.

A força cultural do esporte e suas estrelas também já foi utilizada para auxiliar no processo de finalização de um conflito armado. O caso não aconteceu entre dois Estados distintos, mas sim em um país que passava por uma guerra civil. Em 2002, uma guerra se iniciou na Costa do Marfim, o conflito envolveu o governo central do país, localizado geograficamente no sul do país, com a maioria da população cristã e liderado pelo presidente Laurent Gbagbo combatendo as “Novas Forças da Costa da Marfim”, enfrentando um conjunto de grupos rebeldes que representavam a população do norte do país, de maioria muçulmana e com grande número de imigrantes vindo dos países vizinhos. Um dos principais

catalisadores do conflito foi a aprovação de uma lei que proibia quem não tinha tanto a mãe quanto o pai nascido na Costa do Marfim de disputar eleições, o que impediu Alassane Ouattara, filho de imigrantes e representante do norte, de participar.

Em 2005, com o conflito em andamento, a seleção marfinense, liderada por Didier Drogba, estava disputando para se classificar pela primeira vez para a Copa do Mundo. No dia 8 de outubro, a seleção da Costa do Marfim venceu o Sudão e, graças ao empate entre Camarões e Egito, conseguiu a classificação, o que causou grandes comemorações por todo o país, visto que uma das poucas coisas em comum entre os dois lados do conflito eram a admiração e a torcida pela seleção. Após o fim do jogo, que foi disputado no Sudão, uma das câmeras que transmitia a partida na Costa do Marfim foi levado até o vestiário, onde Drogba fez um discurso onde disse que a seleção consistia de jogadores de todas as regiões do país e que eles provaram que todos marfinenses poderiam coexistir e lutar pelo mesmo objetivo, nesse caso a classificação para o torneio, e terminou seu discurso pedindo para os dois lados do conflito largarem as armas e realizarem uma eleição (GUIBERTEAU, 2020).

O discurso, somado com a circulação mundial que ele tomou pela mídia, motivou ambos os a negociar e, eventualmente, um cessar-fogo foi assinado, o que colocou um fim temporário ao conflito enquanto as eleições eram planejadas. Em 2007, após a disputa da Copa do Mundo, Drogba anunciou que uma partida contra Madagascar, anteriormente marcada para a capital Abidjan, seria realizada em Bouaké, que era a capital simbólica dos rebeldes (GUIBERTEAU, 2020). Essa partida, que teve a presença de militares dos dois lados convivendo de forma pacífica, demonstrava a grande diferença na relação entre as duas partes do país, que batalhavam entre si nos anos anteriores.

Infelizmente, a Costa do Marfim entraria em um nova guerra civil após muitas controvérsias ao redor das eleições de 2010, porém, por um período de tempo, o Estado viveu em paz, o que significa que os esforços realizados por Drogba e seleção marfinense não foram em vão.

3. SPORTSWASHING

Enquanto as formas citadas anteriormente tem um histórico de utilização mais extenso, uma das formas em que os esportes afetam a posição internacional de um Estado no sistema internacional que está com grande relevância nos últimos anos é o sportswashing. O termo não tem origens claras, podendo ter sido derivado do termo whitewashing, prática em que é feita uma tentativa de “branquificar” a cultura de um Estado, eliminando a influência de outras culturas, ou do termo greenwashing, prática empresarial em que em empresa realiza

ações benéficas para o meio ambiente, com o intuito de melhorar a sua reputação. Na sua definição mais simples, sportswashing, termo que poderia ser traduzido como lavagem esportiva, é a utilização dos esportes e seus elementos como forma de esconder ou apagar práticas e ações de um Estado (IANDOLI, 2020). Em outras palavras, é uma forma de limpar ou melhorar a imagem internacional de um país, escondendo práticas ruins, através do esporte.

O termo passou a ter ampla utilização e conhecimento pelo público geral após o ano de 2015, quando Baku, capital do Azerbaijão, foi sede da primeira edição dos Jogos Europeus (MELLO, 2021). No período que antecedeu a realização do evento, ativistas criaram a campanha Sports for Rights, ou Esportes pelos Direitos, com o intuito de alertar os outros países europeus ao fato de que o governo do Azerbaijão utilizaria os Jogos, e a atenção continental trazida por ele, como forma de desviar a atenção do histórico de violação de direitos humanos cometidas pelo país.

Para compreender como o sportswashing funciona, é preciso antes conhecer os conceitos de hard power e soft power. Definidos por Joseph Nye, esses conceitos definem os tipos de poder que uma nação possui e exerce no sistema internacional, como o hard power se referindo à definição mais tradicional de poder, relacionado à capacidade militar e econômica de um Estado. Já o soft power é utilizado para definir a capacidade de influência possuída por uma país através de meios mais sutis, como ideologias e produtos culturais, que são utilizados para, indiretamente, moldar os desejos de pessoas e Estados. Portanto, o sportswashing é uma ferramenta de soft power, utilizada por países para exercer influência sobre outros de forma indireta.

3.1 HISTÓRICO

Apesar de ser definida nas últimas décadas, a prática de sportswashing tem exemplos históricos de sua utilização, como a realização dos Jogos Olímpicos de 1936 em Berlim. A cidade foi escolhida pelo Comitê Olímpico Internacional para sediar as Olimpíadas em 1931, vencendo a disputa contra Barcelona. Dois anos depois, Adolf Hitler e o partido nazista assumiram o controle da Alemanha, assim como das preparações para os Jogos, com Hitler pessoalmente aprovando a realização do evento, supervisionando as preparações e realizando investimentos na preparação dos atletas que iriam representar a Alemanha. Quando o governo nazista começou a implantar políticas anti-semitas, o COI passou a temer que atletas judeus fossem impedidos de participar da competição e o que o evento fosse utilizado para a disseminação de ideologia nazista. Apesar de o governo alemão garantir que esses dois pontos não ocorreriam, eles ainda sim aconteceram (MURRAY, 2018). Apenas uma atleta

com ascendencia judaica teve a participação na delegação alemã permitida pelo governo, que promoveu fortes campanhas de promoção da superioridade do regime nazista, com um grande exemplo sendo a abundância de bandeiras e simbolos nazista nos estádios onde as competições ocorriam.

O governo de Hitler utilizou as Olimpíadas de 1936 para transmitir uma mensagem para o restante do planeta: a Alemanha havia deixado a derrota na Primeira Guerra Mundial e as sanções econômicas que resultaram dela e estava mais forte, saudável e melhor do que nunca, tudo graças as maravilhas do partido nazista. O avanço das tecnologias também iria, por coincidência, auxiliar a transmissão dessa mensagem, com os Jogos desse ano sendo o primeiro com cobertura televisiva, com os eventos sendo gravados e transmitidos pela Europa após ocorreram, além de cobertura ao vivo para os moradores de Berlim. Além disso, no quesito de organização, os Jogos de Berlim foram os que tiveram o maior número de espectadores, tanto nos estádios quanto aqueles que assistiam pela televisão e, mesmo assim, foram organizados sem nenhum problema, com jornalistas estrangeiros que foram até Berlim para cobrir o evento relatando que o país parecia muito mais organizado e alegre do que era descrito nos jornais da época, segundo Murray (2018).

As Olimpíadas de 1936 foram um grande sucesso para a Alemanha nazista não só no quesito de recuperar a imagem internacional do país, como descrito anteriormente, mas também para recuperar o espírito nacionalista em seus próprios cidadãos, algo que fora fortemente danificado pela derrota na Grande Guerra. Impulsionado não só pelo sucesso organizacional do evento, mas também pelo ótimo desempenho dos atletas alemães, que terminaram no topo do quadro de medalhas, o governo nazista pode agir com mais confiança, pois sabia que o povo alemão havia recapturado o espírito nacionalista que antes perdera, podendo ser mais assertivo na busca de seus objetivos internacionais, algo que, poucos anos após os Jogos, desencadearia no início da Segunda Guerra Mundial.

Além desse exemplo, na mesma década , outra nação também utilizaria em evento esportivo como ferramenta para mascarar e melhorar a sua imagem internacional. A Itália governada por Mussolini foi a sede da segunda edição da Copa do Mundo em 1934, assim como a vencedora do torneio, apesar de diversas acusações de ameaças realizadas a árbitros e jogadores por oficiais do governo fascista. A vitória da seleção italiana na competição, somada às vitórias das Olímpiadas em 1936 e da edição seguinte da Copa do Mundo em 1938, foram utilizadas como forma de promover a ideologia fascista de Mussolini pelo mundo, assim como popularizar ainda mais o regime dentro da própria Itália (HART, 2016).

Fora da Europa, o sportswashing também foi utilizado pelos regimes militares na América Latina das décadas de 1960 e 70, em especial pela Argentina. Em 1966, a FIFA elegeu a Argentina como a sede para a edição de 1978 da Copa do Mundo, após a retirada das candidaturas de México e Colômbia. Porém, dois anos antes da competição, o governo de Isabel Perón foi retirado do poder, dando lugar a uma ditadura militar liderada, inicialmente, por Jorge Videla, que via a competição como forma de legitimar o seu governo tanto no âmbito interno quanto no âmbito internacional. Apesar de diversos protestos contra a realização do evento na Argentina por entidades como a Anistia Internacional, os jogos começaram em junho de 1978 (ELLIS, 2020). Assim como no caso italiano, a seleção argentina utilizou a vantagem de ser o país-sede para se tornar campeã mundial pela primeira vez, novamente com alegações de ameaças a jogadores e decisões favoráveis dos juízes garantindo o sucesso argentino na competição.

Porém, para o governo militar, a principal vitória iria ocorrer após a Argentina derrotar a Holanda na final do torneio. Com a euforia do público com a vitória da seleção, resultando em uma forte onda de patriotismo, a imagem negativa do regime, assim como as atrocidades cometidas por ele, tiveram o seu foco retirado por um tempo (ELLIS, 2020). Da mesma maneira, a imagem internacional da Argentina também melhorou, com as imagens das comemorações e da paixão pelo esporte se sobressaindo quando contrastadas com as diversas violações dos direitos humanos e atrocidades que ocorriam simultaneamente com a Copa do Mundo.

Além do futebol, o sportswashing, ou tentativas de utilizá-lo, também é um fenômeno existente em outros esportes, como no mundo das lutas, por exemplo. Um dos maiores nomes da história do boxe, Muhammad Ali, teve a sua luta contra George Foreman no Zaire, atualmente conhecido como República Democrática do Congo, durante o governo de Mobuto Sese Seko, um dos ditadores mais autoritários e violentos do continente africano, que patrocinou o evento, que expôs o poder do ditador para uma audiência global.

Atualmente, a principal organizadora de eventos de artes marciais, o UFC, realiza diversos eventos por ano nos Emirados Árabes Unidos, enquanto a WWE, maior empresa de luta livre profissional, reserva alguns de seus grandes combates para seus eventos na Arábia Saudita. Tanto o UFC quanto a WWE já enfrentaram críticas pela realização desses eventos, principalmente relacionado à natureza propagandista das transmissões desses eventos, que fazem questão de retratar os Estados da forma mais positiva possível, ignorando qualquer aspecto negativo. Além disso, as duas organizações já passaram por boicotes dos próprios atletas que se recusaram a participar do evento, seja por questão de origem, como atletas com

origens em Israel e Síria se recusando a ir para a Arábia Saudita devido à relação precária dos sauditas com essas nações. Da mesma forma, acontecimentos recentes ao evento também tiveram o mesmo efeito, como o assassinato de jornalista Jamal Khashoggi por oficiais sauditas, ocorrido um mês antes de um evento da WWE em Riade, que causou diversos atletas a se recusaram a aparecer no evento, além de fazer a WWE receber fortes críticas de políticos pelo mundo.

Outra competição que sofre acusações de facilitar o processo de sportswashing por países do Oriente Médio é a Fórmula 1, que realiza corridas em países como Bahrein, Catar, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos, assim como o Azerbaijão, que também utiliza da estratégia esportiva para melhorar sua imagem internacional. Da mesma forma que o UFC, a FIA, organizadora da Fórmula 1, também é criticada por realizar esses eventos e auxiliar o sportswashing desses Estados, apesar de afirmações da organização dizendo que o respeito pelos direitos humanos são exigidos para que a realização das corridas seja possível (RICHARDS, 2020). Historicamente, a Fórmula 1 já passou por momentos de críticas relacionadas aos locais que recebem as etapas do campeonato, como em 1985, quando, apesar da pressão internacionais e do boicote de duas equipes, foi realizado o Grand Prix da África do Sul, durante o período em que os boicotes internacionais contra o regime do Apartheid estavam se fortalecendo.

Na edição de 2022 do Grand Prix da Arábia Saudita, um míssil lançado por rebeldes do Iêmen atingiu uma refinaria de petróleo a alguns quilômetros do circuito em que os pilotos dirigiam, evento que, somada a execução em massa de 81 homens acusados de terrorismo e sentimentos anti-governamentais, ameaçou a realização do evento. Porém, os organizadores conseguiram garantir a realização do evento (DIAZ, 2020), que ocorreu sem nenhum outro incidente.

3.2 COPA DO MUNDO DE 2022

Apesar de todos esses exemplos, o evento que realmente trouxe o sportswashing para uma posição de destaque nas discussões internacionais foi a Copa do Mundo de 2022, realizada no Catar. A FIFA definiu o Catar como sede do torneio de em novembro de 2010, baseando sua decisão no fato de que a Copa do Mundo nunca havia ocorrido em um país do Oriente Médio e que o Catar já havia sediado com sucesso outros eventos de uma escala menor, como os Jogos Asiáticos de 2006. Para o Catar, a realização do torneio representaria um grande avanço nos planos nacionais delimitados pela Visão Nacional do Catar 2030, que visavam diversificar as fontes de renda, já que o Estado era extremamente dependente da exportação de energia fóssil. Um dos meios que o Catar buscava uma participação

internacional ativa era o esportivo, com a criação de um fundo específico para investimento em esportes, o Qatar Sports Investment, que é parte do Qatar Investment Authority, fundo diretamente comandado pelo emir Tamim bin Hamad Al-Thani (AGUIAR, 2022).

Para a realização do evento, o Catar disponibilizou um orçamento de 200 bilhões de dólares para as obras, valor 14 vezes maior que a sede anterior do torneio, a Rússia, com os investimentos voltados para a construção dos estádios e para a revitalização do sistema de mobilidade urbano em toda a nação, incluindo rodovias, ferrovias e aeroportos. Além disso, o Catar também investiu na seleção de embaixadores internacionais do torneio, buscando o apoio de diversas figuras mundialmente conhecidas no mundo do futebol como campeão mundial e treinador francês Zinedine Zidane, o treinador espanhol Pep Guardiola e o ex-jogador e treinador espanhol Xavi Hernández, que terminou sua carreira jogando por clube do Catar e também participou na preparação da seleção do país para a Copa do Mundo.

A escolha do Catar como sede da Copa do Mundo foi imediatamente criticada por diversas esferas da sociedade internacional. Primeiramente, o próprio processo de seleção da sede do torneio foi posto em xeque, com o jornal britânico The Sunday Times conseguindo acesso à documentos que dizem que a Al Jazeera, rede de televisão controlada pelo governo catariano, assinou um contrato que repassaria 880 milhões de dólares para a FIFA com o intuito de comprar votos que garantiriam a escolha do Catar como sede.

Somado a isso, o Wall Street Journal também acusou a FIFA e o Catar de corrupção nesse processo, com um ex-representante da candidatura do país revelando a existência de um pagamento de 78 milhões de dólares feito pela família real da nação para a Federação Argentina de Futebol em troca do voto argentino na definição da sede. Apesar de diversos oficiais do governo do Catar terem negado qualquer tipo de corrupção no processo, o presidente da FIFA na época da seleção, Joseph Blatter, que já havia renunciado a presidência devido a escândalos de corrupção na entidade, afirmou que a escolha do Catar como sede havia sido um erro e que havia sido pressionado pelo então presidente da França, Nicolás Sarkozy, para a escolha da nação. O apoio do presidente seria, supostamente, uma resposta à compra do clube francês Paris Saint-Germain pelo Catar (AGUIAR, 2022).

Outro ponto de críticas ao Catar envolve as diversas violações dos direitos humanos nas obras para o evento, especialmente na condição de vida dos trabalhadores estrangeiros, que foram ao país especificamente para trabalhar nas construções voltadas para a Copa do Mundo. Segundo uma reportagem do jornal britânico The Guardian, mais de 6500 trabalhadores haviam morrido nas obras até a publicação da matéria, em fevereiro de 2021. A causa da morte desses trabalhadores, que em sua maioria vinham de países do sul asiático,

como Índia, Bangladesh e Sri Lanka, variam entre quedas, asfixia e questões relacionadas ao clima, extremamente quente no deserto do Catar.

Em resposta a esta questão, o governo do Catar afirmou que os números apresentados eram exagerados e contabilizavam todos os estrangeiros que morriam no Catar, incluindo aqueles que já moravam no país anteriormente e não trabalhavam nas obras para o torneio, também dizendo que o número de mortos nas construções era proporcional ao número de migrantes nas obras, colocando o número entre 400 e 500 (MACINNES, 2022). Mesmo considerando os números dados pelos oficiais catarianos, ainda é possível perceber a condições ruins para os trabalhadores no Catar, considerando que as obras para as outras edições do torneio neste século, sediadas na Coréia do Sul e Japão, Alemanha, África do Sul, Brasil e Rússia somadas não alcançam a marca de 100 mortos.

Por fim, o terceiro ponto de críticas ao Catar vem do tratamento de mulheres e da população LGBT+ no país. No país, a relação entre pessoas do mesmo sexo é contra a lei, podendo ser punida com até 5 anos de prisão, somado a isso, durante o torneio, qualquer tipo de bandeira que continha um arco-irís, símbolo do movimento LGBT+, seria confiscado pelos seguranças catarianos, sob o motivo de proteger o próprio individuo de ataques. Já em relação a população feminina do país, a Humans Right Watch publicou um relatório que diz que as mulheres catarianas enfrentam discriminação em diversos fatores de suas vidas, como por exemplo, o fato de que mulheres de até 25 anos de idade não podem viajar ao exterior sem a permissão de um homem responsável por ela. O motivo causador dos problemas que as mulheres do Catar enfrentam surge da crença que o homem é o chefe da família e o guardião das mulheres inseridas em sua família.

Apesar de todas essas questões, protestos das mais diversas entidades, ameaças de boicotes ao torneio, como feito pela seleção da Noruega, e tentativas frustradas de protestos por jogadores durante o torneio, como tentaram as seleções da Inglaterra e Alemanha, a Copa do Mundo foi realizada no Catar e teve engajamento de, segundo a FIFA, 5 bilhões de pessoas quando somadas todas as partidas. A final entre Argentina e França foi assistida ao vivo por cerca 1,5 bilhões de pessoas pelo mundo, além de cerca 3,4 milhões de espectadores irem pessoalmente aos estádios, um aumento quando comparado ao número da edição de 2018, na Rússia. O sucesso do Catar em sediar o torneio também pode ser observado pelo fato que, após a conclusão do torneio, a atenção da sociedade internacional saiu do país, que agora pode desfrutar dos lucros gerados pela grande presença turística na nação, assim como os lucros não-tangíveis que o torneio leva ao país.

Para concluir a discussão sobre a Copa do Mundo do Catar, David Wearing (2022), professor de Relações Internacionais da Universidade de Sussex, no Reino Unido, apresenta outro fator de interesse em relação ao torneio. Segundo Wearing, o sucesso na realização do torneio e a consolidação da posição do Catar no sistema internacional também auxilia os Estados parceiros do Catar, como Estados Unidos, Reino Unidos e França, a manter suas relações com a nação do Oriente Médio sem danificar as suas próprias reputações.

3.3 COMPRA DE CLUBES POR NAÇÕES

Uma outra maneira de realizar sportswashing tem ficado cada vez mais relevantes no século XXI, a compra de um clube por uma nação. Esta abordagem apresenta algumas vantagens sobre o método de sediar um grande evento esportivo como, por exemplo, o fato de que os clubes participam de competições durante o ano inteiro, todos os anos, enquanto grandes eventos ocorrem com intervalos de anos entre si. Além disso, o Estado, ao adquirir um clube de outra nação, não tem o mesmo foco colocado em si quando comparado ao processo de sediar uma competição de nível mundial. Somado a isso, a aquisição de uma equipe de futebol também é uma possibilidade de diversificação dos investimentos desses Estados, visto que há uma grande quantia de dinheiro envolvido no mundo do futebol.

Esta prática é especialmente visível no mundo do futebol, onde a presença de equipes financiadas por nações, ou algum representante dela, tem alcançado uma visibilidade cada vez maior. O Catar, Estado já acostumado com o uso do sportswashing, tem como propriedade da Qatar Investment Authority, liderado pelo emir, o clube francês Paris Saint-Germain, também conhecido simplesmente como PSG, desde 2011. Desde então, o clube teve uma quantia enorme de dinheiro investida pelo Catar, com o site TransferMarkt, que estima o valor de mercado dos jogadores de futebol, mostrando que já foram gastos mais de 1,5 bilhões de euros apenas com transferência de jogadores (AGUIAR, 2022), com as compras mais notáveis sendo o brasileiro Neymar por 222 milhões de euros em 2017, na transferência mais cara da história do futebol, e o argentino Lionel Messi, considerado um dos melhores jogadores de todos os tempos, em 2021. Porém, a verdadeira quantia investida no PSG é ainda maior, visto que o TransferMarkt não contabiliza os gastos com salários e melhorias na infraestrutura do clube.

Como resultado desse grande investimento, o PSG se tornou o principal clube da França, vencendo o campeonato francês 9 vezes nas 12 edições desde a aquisição pelo fundo de investimento catariano. Apesar disso, ainda não conseguiu obter o sucesso na maior competição da Europa, a Liga dos Campeões da UEFA, alcançando a final uma única vez e sendo derrotado pelo Bayern de Munique da Alemanha.

A Arábia Saudita, além dos esforços de sediar eventos, também realizou um grande investimento em uma equipe de futebol europeia, adquirindo o clube inglês Newcastle United pelo valor de 300 milhões de libras (IANDOLI, 2020). Desde a compra do clube, o Public Investment Fund, fundo de investimento controlado por Mohammed bin Salman, príncipe-herdeiro da Arábia Saudita, já investiu mais de 500 milhões de dólares na equipe. Como resultado, o Newcastle deixou de ser um dos últimos times na classificação da primeira divisão da Inglaterra e, em apenas um ano, passou a disputar sua presença entre os 4 melhores clubes do país.

Os sauditas também são responsáveis por uma nova modalidade de projeto de sportswashing, aquele em que os investimentos também são feitos nos times e ligas locais. O governo da Árabia Saudita adquiriu a maioria do capital de quatro dos maiores times de futebol do país: Al-Hilal; Al-Nassr; Al-Ittihad e Al-Ahli, que juntos possuem 39 dos 48 títulos da primeira divisão da Árabia Saudita (SIMÕES, 2023). O intuito desse investimento é disponibilizar fundos para a contratação de jogadores de nível mundial para atuar na liga saudita e, dessa forma, aumentar a popularidade e audiência dos clubes do país no cenário do futebol mundial. O projeto de investimento já havia sido iniciado mesmo antes da aquisição dos clubes pelo governo saudita, com a contratação de Cristiano Ronaldo pelo Al-Nassr, mas agora passa a ser mais agressivo em sua abordagem com a contratação do francês Karim Benzema, eleito o melhor jogador do mundo em 2022, pelo Al-Ittihad e as tentativas dos outros clubes de contratar grandes jogadores do cenário mundial do futebol.

O exemplo de maior sucesso de um Estado sendo adquirido por um clube na verdade envolve mais do que apenas um time. No ano de 2008, o Abu Dhabi United Group, grupo de investimento chefiado por Sheikh Mansour bin Zayed Al Nahyan, membro da família real e atualmente um dos vice-presidentes dos Emirados Árabes Unidos, adquiriu 100% do Manchester City, da Inglaterra, por 210 milhões de libras. Entre a aquisição em 2008 e 2021, o Manchester City recebeu mais de 1 bilhão de libras em investimentos diretos (POLLARD, 2016), o que transformou o clube em um dos melhores não só da Inglaterra, mas como de toda a Europa. Após a injeção monetária o clube conseguiu vencer o campeonato inglês, considerado um dos mais disputados do continente europeu, 7 vezes, incluindo 5 títulos nos últimos 6 anos, porém, diferentemente do PSG, conseguiu sucesso no principal torneio do continente, vencendo a Liga dos Campeões em 2023.

O sucesso, tanto esportivo quanto financeiro, do Manchester City causou um aumento dos interesse dos Emirados Árabes nos investimentos esportivos, levando a aquisição do New York City FC em 2013 e a criação do City Football Group, empresa responsável pelo

gerenciamento das equipes de futebol que pertencem ao Abu Dhabi United Group. Atualmente, o City Football Group é dono, ou possui uma parte, dos seguintes clubes: Manchester City (Inglaterra); New York City FC (Estados Unidos); Melbourne City FC (Austrália); Montevideo City Torque (Uruguai); Yokohama F. Marinos (Japão); Troyes AC (França); Lommel S.K. (Bélgica); Mumbai City FC (Índia); Girona FC (Espanha); Sichuan Jiuniu F.C. (China); Palermo F.C. (Itália) e o clube brasileiro Bahia, que foi adquirido pelo grupo em 2022 por 650 milhões de reais, marcando a primeira venda de uma equipe brasileira para um Estado estrangeiro (CARNEIRO; MELO; LEMOS, 2023) .

Os três clubes citados são os principais exemplos de prática de adquirir equipes não só como um investimento, mas também uma ferramenta de sportswashing. O sucesso que esses clubes conseguem alcançar devido às enormes quantias de dinheiro direcionadas a eles auxilia os Estados a melhorar e solidificar a sua presença no sistema internacional, apesar das violações dos direitos humanos e problemas societais presentes nos países de origem desses investimentos. A quantia investida por esses país é algo muito maior do que um clube comum, ou até mesmo uma equipe que pertence a empresários independentes, têm a capacidade de investir,. O efeito positivo causado pelo sucesso esportivo dessas equipes acaba se sobrepondo aos problemas éticos e morais existentes nesses Estados (WHITEAKER, 2021). Além disso, os times de futebol fazem parte da história da comunidade em que se inserem, frequentemente sendo uma fonte de orgulho e amor para todos os membros dessa comunidade, muitas vezes criando um laço muito forte entre amigos e familiares, o que faz com que os problemas que financiam o sucesso sejam ignorados e sufocados pelo euforia da vitória.

4. CONSEQUÊNCIAS DO SPORTSWASHING

Após a análise do sportswashing, seu conceito e como ele é aplicado, também é importante analisar as consequências que a prática leva para o sistema internacional em geral, tanto as nações que utilizam essa tática quanto os demais Estados. Antes disso, devemos pontuar as diferenças entre a aplicação do sportswashing clássica, como realizado pela Itália e Alemanha na década de 1930, com as práticas modernas empregadas principalmente pelas nações do Oriente Médio. Anteriormente, os Estados necessitavam sediar um evento de grande escala para projetar sua imagem de sucesso com grandes estádios, públicos e sucessos esportivos, enquanto no século XXI, a crescente globalização da indústria esportiva, assim como o mundo em geral, deu aos países ferramentas que permitem o sportswashing de forma

constante, sem se preocupar com tempo entre eventos ou a concorrência com outras candidaturas que buscam sediar o mesmo evento.

Uma das formas alternativas utilizadas por Estados é o investimento em clubes e competições por meio de patrocínios. Os exemplos de empresas estatais patrocinando equipes e torneios são diversos, os clubes que foram comprados por fundos de investimento estatais são, obviamente, os principais alvos dessa prática, o PSG, além de pertencer ao Catar, também tem entre os seus principais patrocinadores a Qatar Airways, a Visit Qatar, BeIn Sports, Ooredoo, todas empresas que possuem um membro da família real catarina, ou algum membro de alta nível do regime, além do centro de medicina esportiva Aspetar, localizado em Doha.

Da mesma forma, o Manchester City, propriedade do regime dos Emirados Árabes Unidos tem como principal patrocinador a Etihad Airways, companhia aérea nacional dos EAU, que também possui os naming rights do estádio em que o time joga, atualmente chamado Etihad Stadium, além das empresas Aldar, Experience Abu Dhabi, e&, todas com origem em Abu Dhabi.

Porém, a principal força da utilização dos patrocínios é que eles não se limitam apenas apenas aos clubes que foram comprados por esses regimes. O Catar, logo após a definição do país como sede da Copa do Mundo, fechou um patrocínio com o Barcelona, um dos principais clubes do mundo, por meio da Qatar Foundation e, posteriormente, da Qatar Airways. Da mesma maneira, os Emirados Árabes também já patrocinaram outras equipes por meio da Emirates, que já foi a principal patrocinadora em diversos grandes clubes da Europa, como Real Madrid, Milan, Lyon, Benfica, PSG (mesmo após a aquisição pelo Catar) e Arsenal, que também vendeu os naming rights de seu estádio para a empresa. Para sair dos exemplos árabes, a Rússia também já utilizou a mesma prática com a empresa de energia Gazprom, que patrocinava algumas equipes ao redor da Europa, porém, devido à invasão da Rússia à Ucrânia e as diversas sanções aplicadas contra os russos, a Gazprom foi uma das empresas com que a Europa parou de negociar, o que inclui as equipes de futebol.

Esses investimentos por meio de patrocínios, além dos benefícios tradicionais de um patrocínio, como a divulgação da empresa, também tem consequência benéfica para os Estados que comandam essas empresas. Como o mundo esportivo, assim como diversas partes da sociedade, necessita de dinheiro e investimento para existir, os patrocínio contínuos nesses clubes criam uma certa necessidade da continuação da parceria, pelo menos na visão dos clubes, pois a quantia recebida de um Estado é, na maioria das vezes, mais alta do que uma empresa pode oferecer, o que dá uma vantagem financeira ao clube que é patrocinado,

dessa forma é possível que se crie uma dependência entre a equipe e a nação responsável pelo patrocínio (THANI; HEENAN, 2016)

Na mesma linha, uma outra consequência do sportswashing é a participação dos países em que os clubes são localizados no processo. Um ponto importante no processo de compra das equipes é a necessidade de aprovação da compra pelos órgãos responsáveis, que podem variar da liga da qual o time participa ou até mesmo o governo do país. Portanto, é possível afirmar que, ao aprovar o investimento, o Estado investido se torna conivente da prática de sportswashing, considerando que o país que recebe o investimento está ciente da origem possivelmente "suja", do ponto de vista moral, do dinheiro.

De uma certa forma, é possível considerar os investimentos esportivos como uma forma dos regimes do Oriente Médio de comprar o silêncio de países europeus sobre as práticas ditatoriais e violações dos direitos humanos na região. Pois, para manter o investimento estrangeiro, a nação que recebe o investimento não pode manter uma relação antagônica ao Estado que está realizando o investimento, pois, caso contrário, o resultado pode ser a retirada do dinheiro da equipe, o que afetaria não apenas o clube de futebol em si, mas também os funcionários que trabalham nele, assim como a comunidade em que o time está inserido (CONN, 2013).

Uma grande questão levantada em relação à utilização do sportswashing é a sua efetividade, em outras palavras, se todo o esforço e dinheiro investimento no meio esportivo realmente auxilia um Estado na manutenção de sua imagem internacional. Alcançar uma definição sobre a eficácia da prática não é uma tarefa simples, especialmente considerando que os projetos são criados buscando a melhora no longo prazo, como as práticas modernas de sportswashing aqui discutidas se originaram no final da primeira década do século XXI, eles ainda estão e os verdadeiros resultados deles serão mais evidente no futuro.

Algo que já pode ser observado é a onda inicial de oposição ao sportswashing da sociedade civil internacional. Quando uma nova tentativa de investimento ou candidatura de sede é anunciada por um país atrelado ao sportswashing, é comum que críticas e protestos contra esse Estado também ocorram. Um grande exemplo é a própria Copa do Mundo no Catar, que passou por anos de críticas, protestos e ameaças de boicote por diversos agentes da sociedade civil. Essas críticas causam os projetos de sportswashing a terem um resultado inverso aquele desejado pelos Estados, pelo menos no estágios iniciais, onde, ao invés de melhorar a imagem internacional da nação e esconder as ações indesejadas do Estados, a participação no cenário esportivo mundial acaba trazendo uma atenção, antes inexistente, a essas mesma ações que o Estado tenta ocultar.

Para exemplificar esse estágio inicial, será utilizado um exemplo de uma tentativa de sportswashing que não foi realizada por um Estado. Daniel Kinahan é um dos chefes do cartel Kinahan, grupo criminoso irlandês que atua no tráfico internacional de armas e drogas, mas ele também era um dos grandes promotores do boxe mundial (MCMORROW, 2022). Após sair da prisão em 2012, Kinahan fundou a MTK Global, empresa de agenciamento de lutadores que chegou a ter mais de 250 clientes, entre eles Tyson Fury, que já foi campeão mundial dos pesos-pesados. Com o aumento da popularidade do boxe e seus lutadores, Kinahan, assim como a MTK, também passou a se tornar um pessoa notável, mas não pelo seu envolvido no cartel de tráfico, mas sim como promotor de lutas de boxe e amigo de um dos maiores lutadores do mundo, efetivamente limpando a sua imagem frente a sociedade civil. Eventualmente, a atuação de Kinahan no mundo criminoso viria à tona, tanto na visão do público quanto das autoridades, com Daniel lentamente se retirando do olho público conforme sua participação no cartel era descoberta. Após o governo dos Estado Unidos oferecer 5 milhões de dólares para informações que possam levar à prisão de Kinahan, ele se retirou do mundo e, segundo relatos, se auto-exilou em Dubai, de acordo com Sandes (2022).

Apesar de um caso extremo e que não envolve nenhum investimento estatal, o exemplo de Kinahan demonstra uma maneira que esse primeiro estágio do sportswashing, onde os protestos e críticas aparecem com mais força, podem descarrilar os projetos e objetivos de seus mandantes.

Outro fato que também pode ser observado é que, passado esse momento inicial de críticas, os projetos costumam alcançar aquilo que propõe, com os EAU conseguindo expandir o Grupo City, a Árabia Saudita conseguindo adquirir o Newcastle United e convencendo Cristiano Ronaldo a jogar por um clube saudita e o Catar conseguindo sediar com sucesso a Copa do Mundo. O caso catariano novamente é de grande importância, pois mesmo após uma década de protestos, o principal foco das notícias após a primeira partida do campeonato deixou de ser a situação social dos cidadãos do Catar ou as violações dos direitos humanos cometidas pelo regime do país e passou a ser o torneio em si. Mesmo após alguns meses terem se passado do fim do torneio, as principais lembranças que serão associadas à Copa do Mundo de 2022 e ao Catar vão ser aquelas geradas dentro do campo (JACOBSEN, 2023).

Além disso, também existem outras métricas que podem demonstrar os benefícios que resultam do sportswashing. Ainda utilizando o exemplo do Catar, nos meses seguintes à disputa da Copa, janeiro e fevereiro de 2023, o país recebeu 730 mil visitantes, o que representou um aumento de 347% quando comparado a esses dois meses no ano de 2022,

segundo informações da Qatar News Agency. A Arábia Saudita teve como consequência imediata do seu plano de investimento nos clubes da nação um grande aumento no interesse mundial da sua liga nacional após a contratação de Cristiano Ronaldo pelo Al-Nassr (GHOSH, 2023), interesse que deve aumentar com a contratação de mais jogadores de alto nível para os clubes sauditas.

Apesar de ainda não ser possível obter os resultados exatos das práticas de sportswashing empregadas no século XXI, pode-se observar que, até o momento, os resultados obtidos pelos países que fazem uso desta estratégia têm tido resultados em sua maioria positivos, que sobrepõem aos efeitos negativos das críticas e protestos que ocorrem durante o processo.

5. CONCLUSÃO

O esporte é um elemento da sociedade que está presente, de alguma forma, em todos os países do mundo. Enquanto o mundo da relações internacionais e da política frequentemente causam efeitos no mundo esportivo e isso é visto como um acontecimento, visto que esses dois primeiros campos afetam os mais diversos setores da sociedade, o contrário desse processo, com o esporte causando efeitos na política internacional, é muito mais raro de observer, consequentemente sendo menos discutido.

Considerando que parte do objetivo desta pesquisa de explorar as formas que o esporte participa das relações internacionais pode ser concluído que os esportes podem ter um papel nas mudanças entre as relações entre nações, tanto para o positivo, sendo utilizado como forma de aproximar Estados baseado no interesse em comum e de iniciar, ou retomar, relações diplomáticas com uma ação menos arriscada do que uma visita oficial, por exemplo. Se utilizado da forma correta, o futebol pode estabelecer conexões e comunicação entre Estados, melhorando a relação entre eles, porém, se utilizado de forma errônea, pode ter o efeito contrário.

Primeiramente, foram analisados diversos exemplos em que o esporte foi utilizado como uma ferramenta das relações internacionais, que abrangem desde usar o esporte como um pretexto para uma reunião entre líderes, para a utilização dos eventos oriundos do esporte como forma de promoção nacional e de aproximação com outras nações e até mesmo casos em que o esporte pode ser utilizado como forma de espelho para os problemas, conflitos e desejos existentes dentro de um Estado.

Nas seções seguintes, também foi explorado o sportswashing, o foco principal dessa pesquisa, forma de utilizar o meio esportivo nas relações internacionais que vem ganhando

mais relevância no século XXI. Primeiramente foi discutido sobre a definição dessa prática e suas utilizações históricas, que podem ser observadas mesmo antes da existência do termo, assim como a forma que a prática é utilizada nos dias atuais, com foco nos projetos criados por Estados do Oriente Médio. Em sequência também foi analisado quais são as consequências que o sportswashing causa para os países que o utilizam, além dos outros Estados que também acabam envolvidos.

Em conclusão, o sportswashing é uma realidade do mundo esportivo, estando presente, em alguma forma, na maioria dos esportes com uma audiência internacional. Os fortes sentimentos e emoções que os esportes causam na população acaba servindo como uma justificativa para a manutenção do sportswashing, que vai continuar sendo utilizado pelos Estados para atingir seus objetivos, visto que é uma ótima maneira de um Estado utilizar o seu poderio econômico para ganhar poder e influência no sistema internacional. Em relação aos resultados que o sportswashing traz, ainda não é possível obter informações concretas e precisas a respeito desse assunto, pois ele faz parte de um plano de longo prazo. As práticas de sportswashing poderão ter resultados visíveis com mais algumas décadas de implantação, mas os sinais iniciais indicam que a prática resulta em efeitos potencialmente negativos no curto prazo, porém, conforme o tempo passa, os resultados têm se mostrado positivos no médio prazo e, provavelmente, também serão no longo prazo.

Em relação ao limite desse estudo, como ainda não é totalmente possível observar os resultados concretos que os Estados do Oriente Médio obtêm da utilização do sportswashing. Logo, seria interessante uma nova observação sobre os resultados dessas práticas nas décadas futuras. Da mesma forma, também pode ser interessante realizar uma análise interna do funcionamento do sportswashing dentro de cada um dos países que o praticam.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Lucas Santos. **O Catar como sede da Copa do Mundo FIFA 2022**: Um caso de sportswashing ou de nation branding?. 2022. Disponível em: https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/20011/1/LAguiar.pdf

ARAS, Bulent; OZBAY, Fatih. Turkish-Armenian Relations: Will Football Diplomacy Work? SETA Policy Brief, 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/346423179_Turkish-Armenian_Relations_Will_Football_Diplomacy_Work.

BAINVEL, Serge. Sport and Politics: A study of the relationship between International Politics and Football. **MSc Programme in International and European Relations**], 2005. Disponível em: <https://www.eusportdiplomacy.info/files/2-fulltext01.pdf.>

BILLINGHAM, Neil. **A match like no other. When the US played Iran at the 1998 World Cup**. [*S. l.*], 1 abr. 2022. Disponível em: https://www.fourfourtwo.com/features/usa-vs-iran-france-98-most-politically-charged-game-world-cup-history. Acesso em: 16 abr. 2023.

BONIFACE, Pascal. Football as a Factor (and a Reflection) of International Politics. The international spectator, 2002. Disponível em:<https://www.sciencespo.fr/ceri/sites/sciencespo.fr.ceri/files/artpb.pdf>

BORRERO, Mauricio. Beyond the Unfulfilled Promise of Soviet International Football, 1945–1991. *In*: FOOTBALL and the Boundaries of History: Critical Studies in Soccer. [*S. l.*: *s. n.*], 2017. cap. 11, p. 101-118.

BRANSTEN, Jeremy. The Outbreak Of 'Football Diplomacy'. 2008. Disponível em: <https://www.rferl.org/a/Outbreak_Football_Diplomacy/1196718.html>

CARNEIRO, Raphae; MELO, Ruan; LEMOS, Tiago. **Bahia conclui venda da SAF para o City, e CEO garante: "Vai ser o segundo maior clube do grupo"**. [*S. l.*], 4 maio 2023. Disponível em: https://ge.globo.com/ba/futebol/times/bahia/noticia/2023/05/04/bahia-conclui-venda-da-saf-para-o-city-e-ingressa-no-grupo-de-forma-oficial.ghtml. Acesso em: 25 maio 2023.

CONN, David. **Abu Dhabi accused of 'using Manchester City to launder image'**. [*S. l.*], 30 jul. 2013. Disponível em: https://www.theguardian.com/football/2013/jul/30/manchester-city-human-rights-accusations. Acesso em: 6 jun. 2023.

DIAZ, Jaclyn. **The Saudi Formula 1 race will go on despite a Houthi missile attack near the track**. 26 mar. 2020. Disponível em: https://www.npr.org/2022/03/26/1088975885/saudi-arabia-formula-one-f1-race-houthi-attack. Acesso em: 17 maio 2023.

EDEN, Jon Theis. Soccer and International Relations. University of Ottawa, [s. l.], 2013. Disponível em: https://ruor.uottawa.ca/bitstream/10393/26069/1/EDEN%2C%20Jon%20Theis%2020135.pdf

ELLIS, James. **Sportswashing and Atrocity: The 1978 FIFA World Cup**. [*S. l.*], 16 out. 2020. Disponível em: https://yetagainuk.com/sportswashing-and-atrocity-the-1978-fifa-world-cup/.

ESTADÃO, Conteúdo. **Catar pagou R$ 3,8 bi à Fifa para ser a sede da Copa de 2022**. [*S. l.*], 10 mar. 2019. Disponível em: https://placar.abril.com.br/placar/catar-pagou-r-38-bi-a-fifa-para-ser-a-sede-da-copa-de-2022. Acesso em: 2 abr. 2023.

G1, Online. **Brasil x Argentina: a rivalidade que mobiliza torcedores apaixonados em Bangladesh**. 17 nov. 2022. Disponível em: https://g1.globo.com/mundo/copa-do-catar/noticia/2022/11/17/brasil-x-argentina-a-rivalidade-que-mobiliza-torcedores-apaixonados-em-bangladesh.ghtml. Acesso em: 1 abr. 2023.

GANJI, Sarath K. **The Rise of Sportswashing.** Abril, 2023. Disponível em: https://muse.jhu.edu/pub/1/article/886933/pdf

GARNER-PURKIS, Zak. **Sheikh Mansour's Biggest Win: Manchester City's $4.6 Billion Increase In Value**. [*S. l.*], 29 maio 2021. Disponível em:

https://www.forbes.com/sites/zakgarnerpurkis/2021/05/29/sheikh-mansours-biggest-win-manchester-citys-46-billion-increase-in-value/?sh=59a2bd686f2f. Acesso em: 6 jun. 2023.

GHOSH, Arpan. **Saudi Arabian league's viewership increases 7 times after Cristiano Ronaldo's move to Al Nassr: Reports**. [*S. l.*], 10 fev. 2023. Disponível em: https://firstsportz.com/saudi-arabian-leagues-viewership-increases-7-times-after-cristiano-ronaldos-move-to-al-nassr-reports/. Acesso em: 6 jun. 2023.

GUIBERTEAU, Olivier. Didier Drogba: How Ivory Coast striker helped to halt civil war in his home nation. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/sport/football/52072592>.

GUIMARÃES, Bruno Gomes; AMAZARRAY, Igor. O exercício do soft power: Futebol e o caso brasileiro. **InterAção**, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/interacao/article/view/12714/8069>.

HAMILTON, Tom. **The Marshall Islands are trying to build a soccer team, but their dreams extend far beyond sport**. 27 mar. 2023. Disponível em: https://www.espn.com/soccer/story/_/id/37637379/marshall-islands-trying-build-soccer-team. Acesso em: 1 abr. 2023.

HANDLEY, Erin. **Why will Taiwan compete as Chinese Taipei at the Olympics in Tokyo?**. [*S. l.*], 25 jul. 2021. Disponível em: https://www.abc.net.au/news/2021-07-26/taiwan-chinese-taipei-olympics-compromise-china/100304262. Acesso em: 15 abr. 2023.

HART, Jim. **When the World Cup rolled into fascist Italy in 1934**. [*S. l.*], 27 jul. 2016. Disponível em: https://thesefootballtimes.co/2016/07/27/when-the-world-cup-rolled-into-fascist-italy-in-1934/.

HUMANS Rights Watch.Catar: abusos de direitos mancham a Copa do Mundo da FIFA. Human Rights Watch, 18 nov. 2022. Disponível em: https://www.hrw.org/pt/news/2022/11/18/qatar-rights-abuses-stain-fifa-world-cup. Acesso em: 17 maio 2023.

IANDOLI, Rafael. **"Sportswashing": o que a compra do Newcastle ensina sobre essa palavra que ganha cada vez mais espaço no futebol**. [*S. l.*], 15 maio 2020. Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/sportswashing-o-que-a-compra-do-newcastle-ensina-sobre-essa-palavra-que-ganha-cada-vez-mais-espaco-no-futebol.ghtml. Acesso em: 27 abr. 2023.

LANCE Online. Wimbledon irá proibir tenistas russos e bielorrussos de competirem. [*S. l.*], 20 abr. 2022. Disponível em: https://www.lance.com.br/tenis/wimbledon-ira-proibir-tenistas-russos-e-bielorrussos-de-competirem.html.

LEWIS, Aimee. **A match like no other. When the US played Iran at the 1998 World Cup**. 28 nov. 2022. Disponível em: https://www.lance.com.br/tenis/wimbledon-ira-proibir-tenistas-russos-e-bielorrussos-de-competirem.html. Acesso em: 16 abr. 2023.

JACOBSEN, Jack. **Sportswashing in Soccer: How Qatar's World Cup Gamble Paid Off**. [*S. l.*], 16 abr. 2023. Disponível em: https://brownpoliticalreview.org/2023/04/sportswashing-soccer-qatars-world-cup-gamble-paid-off/. Acesso em: 6 jun. 2023.

JONES, Rory. **Qatar 2022: World Cup final scores 1.5 bn global viewers**. [*S. l.*], 19 jan. 2023. Disponível em: https://www.sportspromedia.com/news/qatar-2022-fifa-world-cup-final-argentina-france-viewers-engagement/. Acesso em: 6 jun. 2023.

MACINNES, Paul. **Qatar official says '400-500' migrant workers died on World Cup projects**. [*S. l.*], 29 nov. 2022. Disponível em: https://www.theguardian.com/football/2022/nov/29/qatar-official-says-400-500-migrant-workers-died-on-world-cup-projects.

MANZENREITER, Wolfram. Football diplomacy, post-colonialism and Japan's quest for normal state status. Sport in Society , 2008. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/233132770_Football_diplomacy_post-colonialism_and_Japan%27s_quest_for_normal_state_status>

MCMORROW, Conor. **'Sportswashing does work' - why regimes bankroll sport**. [*S. l.*], 2 dez. 2022. Disponível em: https://www.rte.ie/news/primetime/2022/1201/1339491-sportswashing-does-work-why-regimes-bankroll-sport/. Acesso em: 6 jun. 2023.

MCNAB, Ken. **Why Old Firm match is greatest derby in the world**. [*S. l.*], 10 mar. 2017. Disponível em: https://www.glasgowtimes.co.uk/sport/other_football/15149515.why-old-firm-match-is-greatest-derby-in-the-world/.

MELLO, Mateus. **Sportswashing: entenda o conceito por trás da compra do Newcastle**. 16 out. 2021. Disponível em: https://www.poder360.com.br/internacional/sportswashing-entenda-o-conceito-por-tras-da-compra-do-newcastle/. Acesso em: 27 abr. 2023.

MOMODU, Samuel. First Ivorian Civil War (2002-2007). 2018. Disponível em: <https://www.blackpast.org/global-african-history/first-ivorian-civil-war-2002-2007/>.

MURRAY, Stuart. **Sports Diplomacy: Origins, Theory and Practice**. New York: Routledge New Diplomacy Studies, 2018.

NESTLER, Stefan. **Which sports have banned Russia and Belarus?**. [*S. l.*], 17 jul. 2022. Disponível em: https://www.dw.com/en/war-in-ukraine-which-sports-have-banned-athletes-from-russia-and-belarus/a-62503336. Acesso em: 16 abr. 2023.

NIXON, Rob. Apartheid on the Run: The South African Sports Boycott, Princeton, Estados Unidos. **Transition**, Indiana University Press, n. 58, p. 68-88, 1992.

NYE, Joseph S. **Soft Power**, New York, Estados Unidos: Public Affairs, 2004.

O'CALLAGHAN, Eoin. **Great Satan 1-2 Iran: the most politically charged match in World Cup history**.20 jun. 2020. Disponível em: https://www.theguardian.com/football/2018/jun/20/great-satan-1-2-iran-the-most-politically-charged-match-in-world-cup-history. Acesso em: 16 abr. 2023.

OLIVEIRA, Lúcia. **Há 16 anos, um dia de paz e futebol no Haiti**. [*S. l.*], 30 ago. 2020. Disponível em:

https://ludopedio.org.br/arquibancada/ha-16-anos-um-dia-de-paz-e-futebol-no-haiti/. Acesso em: 1 abr. 2023.

POLLARD, Rob. **The Remarkable Story of Manchester City's Rise Under Sheikh Mansour**. [*S. l.*], 18 out. 2016. Disponível em: https://bleacherreport.com/articles/2670212-the-remarkable-story-of-manchester-citys-rise-under-sheikh-mansour. Acesso em: 25 maio 2023.

QATAR kicks Off 2023 with Record-Breaking Numbers of International Arrivals. [*S. l.*], 26 mar. 2023. Disponível em: https://www.qna.org.qa/en/News%20Area/News/2023-03/26/0043-qatar-kicks-off-2023-with-record-breaking-numbers-of-international-arrivals. Acesso em: 6 jun. 2023.

QUAYLE, Arthur. **How Football Has Impacted International Politics**. 10 fev. 2021. Disponível em: https://medium.com/the-collector/football-and-international-politics-dd766964c4b1. Acesso em: 1 abr. 2023.

RICHARDS, Giles. **F1 faces legal challenge over Bahrain contract and sportswashing**. 17 out. 2020. Disponível em: https://www.theguardian.com/sport/2022/oct/27/f1-faces-legal-challenge-over-over-bahrain-contract-and-sportswashing.

SAEDANI, Akiko. 2002 FIFA World Cup and Its Effects on the Reconciliation between Japan and the Republic of Korea. **Japanese Journal of Political Science** , Cambridge University Press, v. 6, p. 233-257, 2 maio 2005.

SANDES, Artur. **Como um promotor de boxe virou procurado com recompensa de R$ 25 milhões**. [*S. l.*], 6 maio 2022. Disponível em: https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2022/05/06/como-um-promotor-de-boxe-virou-procurado-com-recompensa-de-r-25-milhoes.htm. Acesso em: 6 jun. 2023.

SIMÕES, Irlan. **Como a Arábia Saudita está comprando o futebol para tentar dominar o mundo – e a Copa 2030**. 6 jun. 2023. Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2023/06/06/como-a-arabia-saudita-esta-comprando-o-futebol-para-tentar-dominar-o-mundo-e-a-copa-2030.ghtml. Acesso em: 6 jun. 2023.

SKEY, Michael. **Sportswashing: Media headline or analytic concept?** 2022. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=sportswashing&btnG=&oq=spo

SNELL, James. **Qatar proves that sportswashing works**. [*S. l.*], 1 dez. 2022. Disponível em: https://www.newstatesman.com/quickfire/2022/12/qatar-2022-sportswashing-world-cup. Acesso em: 6 jun. 2023.

THANI, S.; HEENAN, T. 2016. **The ball may be round but football is becoming increasingly Arabic: oil money and the rise of the new football order.** *Soccer & Society, 18(7), 1012–1026.*

THE Times. Exclusive investigation: Qatar’s secret $880m World Cup payments to Fifa. [*S. l.*], 10 mar. 2019. Disponível em:

https://www.thetimes.co.uk/article/revealed-qatars-secret-880m-world-cup-payments-to-fifa-p3r5rvw9x. Acesso em: 17 maio 2023.

YANG, William. **'Chinese Taipei': Taiwan's Olympic success draws attention to team name**. [*S. l.*], 6 ago. 2021. Disponível em: https://web.archive.org/web/20210923085140/https://www.dw.com/en/chinese-taipei-taiwans-olympic-success-draws-attention-to-team-name/a-58780593. Acesso em: 15 abr. 2023.

WEARING, David. **A game of two halves: how 'sportswashing' benefits Qatar and the west**. The Guardian, 16 nov. 2022. Disponível em: https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/nov/16/sportswashing-qatar-west-world-cup-regime. Acesso em: 14 maio 2023.

WHITEAKER, Jon. **What is sportswashing and does it really work?**. [*S. l.*], 9 nov. 2021. Disponível em: https://www.investmentmonitor.ai/features/what-is-sportswashing-and-does-it-really-work/. Acesso em: 6 jun. 2023.

WOJTOWICZ , Jake; FRUH, Kyle; ARCHER, Alfred. **Sportswashing: What It Is, Who Does It, and How to Stop It**. [*S. l.*], 20 nov. 2022. Disponível em: https://www.liberalcurrents.com/sportswashing-what-it-is-who-does-it-and-how-to-stop-it%EF%BF%BC/. Acesso em: 6 jun. 2023.

WOJTOWICZ , Jake; FRUH, Kyle; ARCHER, Alfred. **Sportswashing: Complicity and Corruption.** 02 ago.2022. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/17511321.2022.2107697